

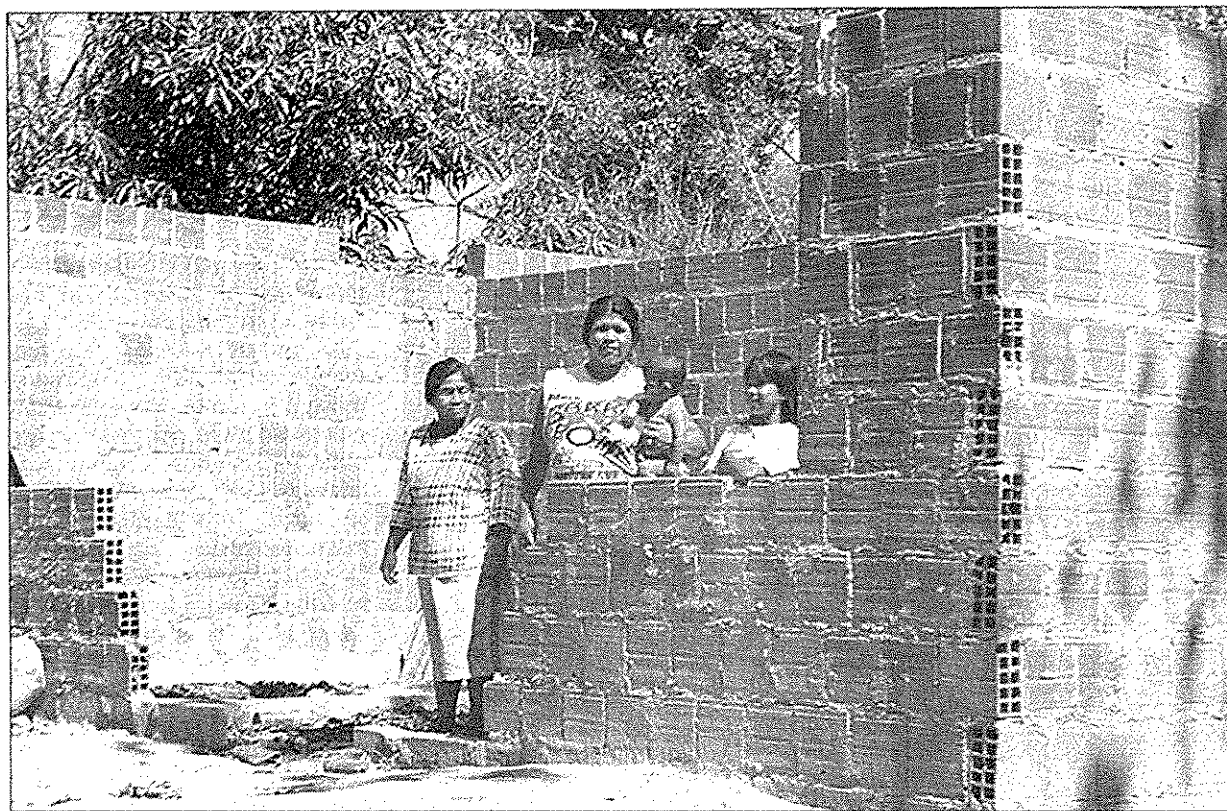
Indígenas realizam o sonho de consumo

Com parte da indenização recebida da Aracruz os índios tupiniquins e guaranis compraram bicicletas, rádios, relógios e roupas

LINHARES (Sucursal) – O comércio de Aracruz, que atravessa uma longa crise, recebeu um inusitado incremento nos últimos dois meses. É que do total de R\$ 11.040.000,00 que a empresa Aracruz Celulose destinou aos 1.500 índios tupiniquins e guaranis das aldeias locais, como desfecho de um acordo celebrado recentemente, R\$ 600 mil foram distribuídos entre cerca de 290 famílias para serem gastos do jeito que cada beneficiado achasse que melhor. Esta foi a única parte do dinheiro que poderá ser usada sem que índios se submetam a qualquer tipo de exigência burocrática. Por isto, cada um aproveitou para realizar seu sonho de consumo.

Assim como o homem branco sonha em ter um carro, para o índio do sexo masculino conseguir comprar uma bicicleta representa uma realização histórica em sua vida. Por isto, quando receberam o dinheiro, uma base de R\$ 2 mil para cada família, foi registrada uma correria às lojas do ramo, sendo que a maioria dos beneficiados adquiriu o veículo. Karai, da aldeia Boa Esperança, explicou que nos tempos passados os índios conseguiam caminhar longas distâncias porque usavam as sombras das florestas. Com o desmatamento, argumentou, é necessário uma bicicleta para tornar mais curta a permanência sob o sol durante os deslocamentos de uma aldeia para a outra.

As mulheres índias também entraram na dança do consumo. As que não têm marido para carregar lenha, por distâncias cada vez maiores, substituíram o fogão a lenha pelo fogão a gás. E, assim como qualquer mulher branca faria, quase todas renovaram o vestuário, porém de forma discreta porque, para elas, uma peça de roupa dura vários anos. Mas a primeira providência tomada pelas mulheres das comuni-



HABITAÇÃO

Algumas das famílias dos índios preferiram investir parte do dinheiro na construção e melhoria das casas

Zenilton Custódio

dades indígenas foi de modernizar o estoque de panelas, sendo que a maioria adquiriu pelo menos uma "panela de pressão".

O dinheiro representou também um passo importante no processo de modernização das vilas indígenas de Aracruz. Depois de trocarem a oca pela casa de estuque, muitas famílias aproveitaram parte do dinheiro para construir uma casa de alvenaria, coberta por telhas tipo Eternit. Akarai, casado e pai de um filho, da aldeia guarani de Boa Esperança, disse que investiu R\$ 400,00 na construção de uma casa de cerca de 35 metros quadrados, onde já está morando. A família de Kerety Endu, uma índia de 59 anos, da mesma al-

deia, não vê a hora de se transferir da velha casa de estuque para a de lajotas. E o mesmo acontece em todas as outras aldeias, onde o grande número de moradias em construção ou construídas recentemente, chama a atenção logo à primeira vista.

Mas o índio, que preza seu nome acima de tudo, assim que recebeu o dinheiro quitou as dívidas, a maioria contraída junto a vendedores ambulantes, sobretudo de roupas e panelas, que comercializam nas aldeias. Outros aproveitaram para matar as saudades de parentes, residentes em outros estados, que não viam há vários anos. Foi o caso de Takwã, mulher do cacique Karai Tataendy, da aldeia guarani de Três

Palmeiras. Em companhia dos filhos ela viajou para São Paulo, onde visitou uma irmã, residente na aldeia Morro da Saudade, que não via há quase 15 anos.

Entre os outros bens de consumo, os índios também adquiriram, em menor escala, televisores, rádios e relógios. De acordo com depoimentos dos beneficiados, poucos ainda mantêm alguma reserva de dinheiro em caixa. A maioria, sem emprego, passa por graves dificuldades para poder sustentar a família, já que a seca também está inviabilizando a agricultura de subsistência. Mas temendo pelo pior, todos os beneficiados providenciaram um bom estoque de alimentos.

Projetos vão ajudar a empregar o dinheiro

LINHARES (Sucursal) – Os cerca de 1.700 índios tupiniquins e guaranis, concentrados em seis aldeias do município de Aracruz, estão recorrendo a órgãos e entidades envolvidas com a questão agrícola, para receberem orientações sobre como melhor empregar o restante dos R\$ 11.040.000,00 que irão receber da empresa Aracruz Celulose, em parcelas que serão distribuídas semestralmente nos próximos 20 anos, segundo revelou o presidente da Associação Indígena Tupiniquim e Guarani, Erval dos Santos Almeida. As cotas só serão liberadas para a viabilização de projetos de desenvolvimento agrícola.

As comunidades indígenas têm autonomia para definir como em-

pregar a parte dos recursos a elas destinados, cujo valor varia de acordo com a população existente. O cacique da aldeia guarani Três Palmeiras, Karai Tataendy, por exemplo, pensa em explorar a agricultura de subsistência, plantando feijão, milho, aipim, batata doce, banana, entre outros produtos. Karai também planeja criar galinha caipira e peixe, mas não sabe exatamente como tudo isto poderá ser feito. O cacique da aldeia tupiniquim de Irajá, Ilário Pereira de Souza, diz que a intenção é investir em sistema de irrigação. Já com 9.400 pés de café conilon plantados da lavoura local, Ilário quer ampliar a área plantada e explorar a comercialização externa do produto. A al-

deia de Pau Brasil também optou por investir em café.

"Antes tínhamos projetos, mas estava difícil conseguir dinheiro. Hoje, temos dinheiro mas não temos projetos", brinca o presidente da associação indígena, entidade que foi criada recentemente como canal de viabilização do repasse dos recursos da Aracruz Celulose para os índios. Mas além deles representantes de vários órgãos e entidades estão tão ansiosos quanto os indígenas para que o dinheiro seja aplicado da melhor forma possível. Na última quarta-feira, por exemplo, os índios se reuniram com técnicos da Secretaria de Estado de Agricultura e da Emater, quando ficou definida a assistência técnica para elaboração dos projetos.

O primeiro lote de projetos já foi apresentado e aprovado pela empresa Aracruz Celulose, que liberou a cota estabelecida de R\$ 490 mil, recursos que serão divididos entre as aldeias. Todas as comunidades indígenas optaram pela agricultura de subsistência. Em Caieiras Velhas, por exemplo, que tem uma parcela de R\$ 244.300,00, os índios vão plantar milho, café, feijão e mandioca, além de dar início à exploração da pecuária. Os projetos foram desenvolvidos com assistência técnica da Funai. Erval explicou que os recursos serão distribuídos semestralmente. A próxima cota, que é de R\$ 270 mil, será liberada em janeiro e, a seguinte, do mesmo valor, em agosto.